



( COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA )

Director, Proprietário e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*  
Composto e impresso na União Gráfica, 150, Rua de Santa Marta, 152 - Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*  
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

## NA CIDADE DA VIRGEM

### A GRANDE PEREGRINAÇÃO NACIONAL DE OUTUBRO

Estância bemdita de mistérios, de graças e prodígios

«Fátima, terra cheia de tradições ligadas com os factos mais notáveis da história portuguesa, é o local escolhido por Nossa Senhora para manifestar o seu poder, a sua bondade, o seu amor.»

*Palavras dum artigo de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria.*

#### Na véspera à tarde — Afluência de peregrinos — A procissão das velas — As diversas peregrinações — A audácia dos gatunos.

Dia doze de Outubro, tão ansiosamente esperado e tão jubilosamente acolhido por milhares e milhares de almas crentes e piedosas!

Tarde esplêndida de Outubro, deveras maravilhosas, cheia de beleza e encanto, embalada por uma viração branda e suave, de ambiente embalsamado pelo aroma das flores silvestres, de céu azul e sem núvens, terso e diáfano, como um cristal puríssimo.

O sol, àquela hora adiantada do dia, já declinava para o Oceano, polvilhando os campos próximos e os céros longínquos de cambiantes de luz e cor que, a breve trecho desmaiavam e se diluíam, primeiro nas pálidas sombras do crepúsculo vespertino e depois nas densas trevas nocturnas.

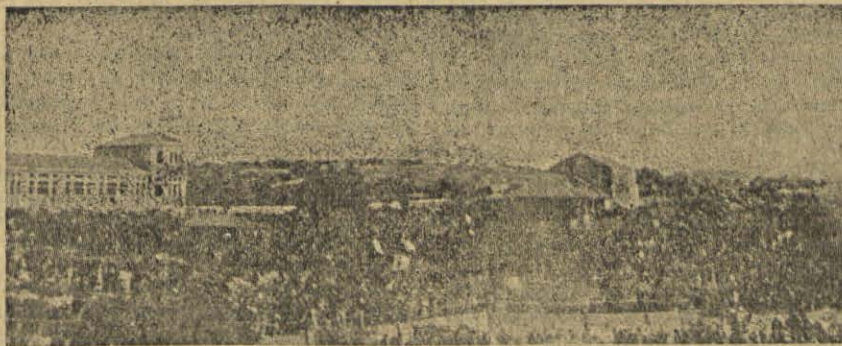
A cada hora e a cada momento a torrente humana, tumida e interminável, despeja na Cova da Iria novas ondas, vindas de todos os pontos do país, no desejo veemente e irreprimível de homenagear a Virgem bemdita junto do trono das suas graças e das suas misericórdias.

Pouco depois das dez horas principia a organizar-se a procissão das velas. A grande massa dos peregrinos aglomera-se em frente da capela das missas. O rev. dr. Manuel Marques dos Santos, capelão-director do serviço religioso do Santuário, comunica as suas instruções pela voz potente dos altifónios. Em seguida inicia a recitação do terço do Rosário, que é feita alternadamente com o povo. Dezenas de milhares le vozes ciciam, num doce murmúrio, as preces incomparáveis do Saltério Mariano. Todos os outros rumores são abafados pela toada, grave e cadenciada, dos *Pater* e dos *Ave*. Apenas os sons fortes ou estridentes das buzinas dos automóveis, e das *camionetes*, que circulam nas estradas adjacentes à Cova da Iria, conseguem dominar por instantes aquele colóquio grandioso e empolgante entre a terra e o Céu, entre as almas e Deus. Acabou a recitação do terço. O local das aparições está transformado num imenso lago de fogo. De repente, a multidão movimentou-se. Principia então o longo e magestoso desfilar das peregrinações, que levam à frente os seus estandartes. Lisboa, Porto, Alcobaca,

Ancião, Alvorge e S. Tiago, Varzea de Santarém, Pó da Flor, Carvalhal de Aljubarrota, Soure, Paranhos, S. Maméde da Infesta e muitas outras regiões e terras de Portugal enviam à Fátima as suas numerosas e luzidas embaixadas para renderem em seu nome à excelsa Rainha do Rosário o preto sentido da sua veneração e do seu amor.

Eis que essas embaixadas percorrem agora a charneca sagrada, empunhando lumes e cantando o *Avé de Fátima*, a plenos pulmões, numa apoteose sublime, incomparável, única, à gloriosa Padroeira da nação.

E os lumes, às centenas, aos milhares,



ANTES DA MISSA DAS 11 HORAS

às dezenas de milhares, espalham-se pela Cova da Iria, em tôdas as direcções, como estrêlas de ouro, tecidas pelas mãos dos crentes, para serem pregadas, como símbolos dos seus corações, no manto augusto da Virgem do Rosário.

Gatunos de ambos os sexos, sem nenhum respeito pelo lugar sagrado e pela piedade dos fiéis e cheios duma audácia inaudita, acompanham, passo a passo, os peregrinos, como se peregrinos fôsem, para tentarem exercer as suas criminosas operações. Vigiados pela polícia do Santuário e surpreendidos em flagrante ou em movimentos suspeitos, alguns dêles são presos e entregues aos representantes da autoridade, que os algemam e remetem para a cadeia de Vila Nova de Ourém, depois de seriamente incomodados por alguns populares impacientes e exaltados.

#### A adoração nocturna — O Senhor Bispo de Leiria — Na igreja da Penitenciária — A missa da comunhão geral — Trinta mil particulas consagradas.

Soou já a meia-noite oficial. E' chegada ao seu termo a procissão das velas. A multidão de novo reunida diante do Pavilhão dos doentes, canta o *Credo de Lourdes*, lançando assim no seu protesto de Fé veemente e solene, um repto altivo e nobilíssimo às orgulhosas negações da descrença e às violências impotentes da impiedade. Começa a tocante cerimónia da adoração nocturna. Jesus, o Divino Rei de amor, é exposto na Hóstia

ções do Porto, Alcobaca e Alvorge, e das quatro às cinco, pela peregrinação de Lisboa.

Durante a tarde do dia doze, tôda a noite do dia doze para o dia treze e tôda manhã do dia treze, numerosos sacerdotes ouviram os homens de confissão na igreja da Penitenciária. Os penitentes eram às centenas, aos milhares, e aguardavam a sua vez, uns dentro do edificio, ao pé dos confessionários, e os outros na parte exterior, às portas do templo, esperando que este se descongestionasse e os servitas permitissem o ingresso dum novo contingente de penitentes. Edificava e comovia a paciência dos fiéis que, durante horas e horas a fio, esperavam, de pé e ao relento, a licença de entrarem na Penitenciária.

Foi tão grande nos dois dias a afluência de homens ao tribunal da Penitência, que muitas centenas de pessoas do sexo feminino, desejosas de se confessar e de comungar na Cova da Iria, debalde esperaram que lhes chegasse a vez, não podendo, com grande mágoa, satisfazer o seu ardente desejo.

As missas principiam ainda alta madrugada. São numerosíssimos os sacerdotes presentes, posto que a concorrência do dia treze com um Domingo, neste mês, dificultasse imenso a ida dos sacerdotes à Fátima e inibisse grande número dêles de tomarem parte na peregrinação. Algumas das peregrinações tem missa privativa: a de Alvorge, às nove horas, a do Porto, às nove e meia, a de Lisboa, às dez, as de Sobral da Lagôa e Uceira, às onze e a da Varzea (Santarém), às onze e meia. As seis horas celebrou-se a missa da comunhão geral.

Desde esse momento, grande número de sacerdotes, distribuíram, quasi ininterruptamente, o Pão dos Anjos, aos fiéis que para esse fim se tinham devidamente preparado, nas suas terras ou em Fátima, por meio da recepção do Sacramento da Confissão.

Na doce e encantadora Betânia da Cova da Iria, nessa gloriosa e inolvidável manhã, cerca de trinta mil pessoas de ambos os sexos receberam nos seus corações o Rei imortal dos séculos, escondido na Hóstia Santa, Pura e Imaculada, tornando os seus corações tronos augustos d'Aquela que se chama Jesus, Eucaristia, Amor, fazendo das suas almas sacrários vivos da Divindade!

Santa, sobre um trono de luzes e de flores.

As primeiras duas horas da noite são consagradas à adoração e reparação nacional. Reza-se durante elas, em voz alta, o terço do Rosário. Contemplam-se e meditam-se os mistérios gozosos. Antes de cada uma das dezenas, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, explica detidamente o respectivo mistério numa linguagem vernácula e elegante, mas acessível a tôdas as inteligências.

Seguem-se, até às cinco horas, as outras horas de adoração, sempre com o Santíssimo Sacramento exposto no trono. Das duas às três, a adoração é feita pelas peregrinações de S. Maméde da Infesta, Sobral da Lagôa (Serra de Bouro) e Uceira, das três às quatro, pelas peregrina-

**No albergue de Nossa Senhora do Rosário — O Posto das verificações médicas — O transporte dos doentes — O trabalho dos servitas — A dedicação das servitas.**

No vasto recinto murado da Cova da Iria, ao lado esquerdo de quem transpõe o portão principal, por trás da capela das aparições, ergue-se um edifício, grandioso e imponente, belo e elegante, de arquitetura sóbria e singela, de linhas suaves e delicadas: é o Albergue de Nossa Senhora do Rosário, vulgarmente conhecido pela designação de Hospital-Sanatório. Os peregrinos que do alto da estrada avistam esta mole gigantesca de mármore, sentem logo uma impressão bem viva e bem profunda de assombro e de encanto. É ali que são caridosamente acolhidos e caridosamente tratados os doentes pobres das diversas peregrinações, que acorrem no dia treze de cada mês à Cova da Iria, e que são distribuídos pelas várias enfermarias, numas do sexo masculino e noutras do sexo feminino. As suas salas, tão lindas, tão higiénicas e tão cheias de ar e de luz, regorritam de doentes. Todas as misérias físicas de que enferma a pobre humanidade ali tem a sua grande e impressionante feira de amostras.

O Posto de verificações médicas que, durante alguns anos teve a sua sede provisória na Casa dos Servitas, encontra-se desde o mês de Maio último definitivamente instalado no Albergue. O seu ilustre director, o dr. José Maria Pereira Gens, exerce as múltiplas funções do seu cargo com um zelo indefesso e com um carinhoso disvêlo, examinando os enfermos que se apresentam, dirigindo os serviços de inscrição nos respectivos registos e fornecendo a cada um dos inscritos a necessária senha de ingresso no Pavilhão dos doentes. Com uma solicitude e uma dedicação igualmente admiráveis, coadjuvam-no nesse trabalho, longo e penoso, vários colegas da capital e da província, entre os quais os drs. Eurico Lisboa, Weiss de Oliveira, Augusto Mendes, Luz Preto, Gabriel Ribeiro e José Bonifácio da Silva.

Dos veículos que os transportaram a Fátima até ao Posto das verificações médicas e deste, depois de examinados e inscritos, até ao Pavilhão, os paráliticos e os doentes que se encontram em estado mais grave são conduzidos em carros de mãos ou em macas, segundo a maior ou menor gravidade do seu estado.

Os servitas, sempre cheios de zelo e dedicação, desenvolvendo uma actividade assombrosa, empregam-se nesse serviço durante quasi todo o dia, sob a direcção dos seus chefes.

Era sobremaneira consolador o espectáculo que ofereciam esses pioneiros da caridade, trabalhando lado a lado, irmanados nos mesmos sentimentos, desde os membros das classes mais elevadas e mais cultas da sociedade, como o Marquês de Rio Maior, o dr. Afonso Lopes Vieira, o coronel Patacho e o dr. Carlos Mendes, até aos estudantes, artistas e operários e aos mais humildes filhos do povo.

No Albergue de Nossa Senhora do Rosário, e no Pavilhão dos doentes circulam em todas as direcções, num vaivém contínuo numerosas senhoras e meninas vestidas de branco. Parecem anjos descidos do Céu para conforto de tantas máguas, para refrigério de tantas dores, para lenitivo de tantas lágrimas, e são realmente anjos de caridade, portadores do bálsamo divino da resignação cristã.

Duma simplicidade edificante no exercício da sua nobilíssima missão, humildes e despretenciosas, elas lá vão, absorvidas no trabalho e na prece, sempre acompanhadas das bênçãos dos homens, coroadas sempre pelas graças de Deus!

**Uma família abençoada — A procissão da Virgem do Rosário — A missa dos doentes — A bênção com o Santíssimo Sacramento — O sermão oficial.**

É quasi meio-dia solar.

Na espaçosa sala dos *ex-votos*, na residência dos servitas, um grupo interessante, composto de marido e mulher e seis filhos menores, três meninos e três meninas, ajoelham aos pés de Sua Excellência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria e osculam-lhe o sagrado anel. Depois de recebida a bênção do venerando Antistite, levantam-se e o chefe daquela família cristã e piedosa expõe, com os olhos rasos de lágrimas, as grandes graças que havia alcançado, mercê da intercessão de Nossa Senhora de Fátima. Ele, engenheiro agrônomo, filho do Vis-

conde de Miranda, ela, a esposa, filha do Visconde da Carreira, actualmente residentes em Lisboa, tinham já vindo a Fátima agradecer à Rainha do Céu a cura desta, que sofria duma grave enfermidade e cujo estado era tido pela sciência como desesperado. E agora voltavam de novo à estância bem dita da Cova da Iria para pagar outra promessa e em acção de graças pela cura duma doença igualmente grave do chefe da família que o colocara às portas da morte e o fizera crer irremediavelmente perdido.

Ditosa família, em que a Fé e a piedade entrelaçadas florescem e frutificam abundantemente, atraindo sobre os seus membros, com os dons da graça sobrenatural, as bênçãos temporais e os prodígios do Céu!

Mas eis que é chegado o meio-dia solar.

A procissão da Virgem é, como sempre, uma marcha triunfal. Levada no seu andar aos ombros dos servitas, a linda Imagem da Visão de Lúcia de Jesus lá segue, sob uma chuva contínua de flores e no meio de vivas e aclamações, da capela comemorativa das aparições para o pedestal de honra no altar-mor da capela das missas. E o venerando Prelado de Leiria que celebra a missa dos doentes, acolitado pelos rev. dos dr. Augusto de Araujo e dr. Cruz. Durante a missa recita-se o terço do Rosário. Após a missa, é exposto e incensado o Santíssimo Sacramento, e dada a bênção a cada um dos doentes e, por fim, a bênção geral.

O sermão oficial é pregado pelo rev. do José de Pinho, pároco de S. Mamede da Infesta: alocação breve mas eloquente, em que o ilustrado e piedoso sacerdote, presos os ouvidos dos seus lábios, canta um hino de amor à Virgem, celebrando as suas glórias e enaltecendo as suas misericórdias.

**Um ilustre peregrino estrangeiro — Fátima na China — Um número único comemorativo — Artigos primorosos — Esplendidas gravuras.**

No dia treze de Maio último, veio a Fátima, pela primeira vez, atraído pela fama das grandes manifestações de Fé e piedade e dos assombrosos prodígios de que ela é teatro, o rev. do dr. Luís Fisher, lente catedrático da Universidade de Bamberg, na Alemanha. Numa importante revista bávara, *A Sentinela*, esse ilustre professor tem publicado, desde o seu regresso, uma série de artigos primorosos e interessantes, subordinados à epigrafe «Fátima, a Lourdes Portuguesa.» A leitura desses artigos inspirou a um dos membros mais distintos do clero regular austríaco, o rev. do Dom Prior do mosteiro da Ordem de Cister, de Neustadt o desejo de ver a nova e maravilhosa cidade da Virgem.

E eis que, sem conhecer nenhuma das línguas novi-latinas, esse categorizado religioso empreende uma longa viagem, atravessa diversos países, entra em Portugal e chega à Cova da Iria no dia doze do corrente, à tarde, para assistir à procissão das velas e às manifestações comemorativas do duodécimo aniversário da sexta aparição da augusta Rainha do Santíssimo Rosário aos humildes videntes de Aljustrel.

O rev. do Albérico Rabensteiner — tal é o nome do ilustre peregrino — passou em Fátima, como ele próprio disse, algumas das horas mais belas e mais comoventes da sua vida.

A procissão das velas e sobretudo as procissões da Virgem e a bênção dos doentes deixaram no seu espírito, profundamente gravadas, vivas impressões, que já mais se apagarão. Tudo quanto ele pensava, tudo quanto ele sentia acerca de Fátima, desse trono esplendoroso de Jesus-Hóstia, desse centro formosíssimo e incomparável de devoção à Santíssima Virgem, de todo esse poema de consolação, de paz e de felicidade que faz da Cova da Iria um lindo cantinho do Céu, quis traduzi-lo e sintetizá-lo, reduzindo-o à expressão mais simples, nesta frase bem curta mas verdadeiramente lapidada: «Fátima é absolutamente impossível de esquecer.»

Dora ávante, como o dr. Luís Fisher já o está sendo na Alemanha, Dom Albérico Rabensteiner será na sua pátria — podemos ter a certeza disso, — o apóstolo entusiasta e infatigável da mística cidade do Rosário, da Lourdes Portuguesa.

Fátima é hoje um nome que se pronuncia com respeito e simpatia em todas as cinco partes do mundo. A gloriosa Virgem do Rosário, que ali se dignou aparecer ha doze anos para salvação da nossa querida Pátria, é verdadeiramente o polo ma-

gnético de todos os corações genuinamente portugueses e cristãos, onde quere que eles se encontrem, — nos sertões adustos da África, nos virentes palmares da Índia, nas florestas quasi-virgens do Novo-Mundo ou nas ilhas perdidas na imensidade do Grande Oceano.

Macau, a linda cidade do Santo Nome de Deus, a pérola de Portugal no Extremo Oriente, engastada na corôa multiseccular do antigo Celeste Império, não podia ficar indiferente perante as maravilhas de amor e misericórdia da augusta Mãe de Deus no novo teatro das manifestações do seu Coração maternal. E assim é que resolveu festejar condignamente o duodécimo aniversário da primeira aparição da Virgem Santíssima aos pastores, inaugurando o culto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima com solenidades religiosas que se assinalaram pela sua imponência e beleza, entre as quais uma missa solene de pontifical celebrada pelo Senhor Bispo de Macau e uma grandiosa procissão pública, e dando à luz da publicidade um número único comemorativo dessa inauguração, em suplemento ao n.º 302 do Boletim Eclesiástico da Diocese.

Escrito parte em português, parte em

chinês e parte no dialeto indígena, esse número, que consta de oito páginas em formato grande, é colaborado pelas melhores penas portuguesas do Extremo Oriente, inserindo primorosos artigos do Senhor Bispo de Macau, do Senhor Bispo de Leiria, do rev. do António Maria Alves, S. J., do rev. do cônego Manuel J. Pintado, de Mateus das Neves e de Jaime Goulart, e mimosas e inspiradas poesias do rev. do cônego Matias Liu, de José Machado Lourenço, de António J. P. Sequeira, de Ezequiel Pascoal e outros.

Entre as gravuras destacam-se a de Nossa Senhora de Fátima, a da scena das aparições, a do Santo Condestável D. Nuno Alvares Pereira, a de Sua Santidade o Papa Pio XI e a do Senhor D. José, apóstolico Prelado da Diocese.

Bem haja a lial cidade do Santo Nome de Deus de Macau e que a Virgem bem dita de Fátima se digne protegê-la e cumulá-la com as suas graças e as suas bênçãos mais preciosas, já que ela, lá tão longe da mãe-pátria, sabe honrar a gloriosa Padroeira de Portugal com tanta magnificência, com tanta dedicação e com tanto amor!

Visconde de Montelo

## AS CURAS DE FATIMA

### Dispépsia ácida.

**Maria Leticia P. de Bastos y Lago**, moradora na rua cinco de Outubro, n.º 15 em Lisboa, em carta de 3 de Setembro de 1928, informa:

«E com a maior alegria e cheia de reconhecimento para com a Santíssima Virgem que venho relatar-lhe o grande milagre que recebi, esperando da sua bondade e para cumprimento da minha promessa ve-lo publicado no muito apreciado *Jornal da Fátima*.

Em Dezembro de 1926 comecei sofrendo muito do estômago não podendo por vezes ingerir o mais ligeiro alimento. A acidez era constante e os vômitos e agónias que sentia não me deixavam socegar.

Consultado o Dr. Júlio Pinto, médico de minha família há muitos anos, foi de opinião que eu tinha uma dispépsia ácida, iniciando um tratamento em que senti algumas melhoras. Assim passei uns meses mas já aborrecida da rigorosa dieta a que estava sujeita, comecei a alterar a nalgumas pequenas coisas. Foi isto causa suficiente para me piorar imenso, os remédios já não me faziam efeito nenhum as agónias e aflições que sentia eram muito violentas, a acidez insuportável, a intolerância do meu estômago por qualquer alimento era tal que às vezes nem uma simples chavena de chá podia tomar.

Só com aplicações quentes sobre o estômago conseguia socegar um pouco. Cheguei a um estado de fraqueza extrema, já me não sentia com forças para fazer nada.

Vendo o médico que o meu estado se ia agravando cada vez mais, mandou-me tirar uma radiografia, pois em sua opinião eu devia ter qualquer coisa ulcerosa e o estômago descaído.

Verdadeiramente desanimada com tal opinião, e prevendo ter uma doença muito grave, resolvi-me a implorar a protecção Divina como único lenitivo que me poderia ser concedido. Comecei com muita fé uma novena a Nossa Senhora de Fátima implorando-lhe que me curasse e prometendo-lhe tornar pública a minha cura para Sua maior glória e rezar todos os dias o terço em Sua honra.

Não tinha, porém, a milagrosa água nem sabia como havia de obtê-la; mas precisamente no último dia da novena sube casualmente que podia adquiri-la na Igreja da Conceição Velha.

Não obtive nesta novena melhoras nenhuma, mas cheia de esperança como estava na Virgem Santíssima não desanimei puz de parte todos os medicamentos e com muita fé comecei outra novena no dia 21 de Abril p. p. fazendo uso da maravilhosa água de Fátima. Antes, porém, de começar esta segunda novena, fui ouvir missa no altar de Nossa Senhora de Fátima e pedir-lhe que tornasse a minha alma propícia a receber o grande milagre que lhe pedia, pois me achava indigna da Sua protecção. Nesse dia conheci com grande espanto que a ligeira

refeição que tinha tomado não me tinha causado a tão costumada indisposição, e, com a maior alegria fui reconhecendo grandes melhoras de dia para dia até que no fim da terceira novena me encontrava completamente curada!

Desde então como de tudo, sem a mais leve excepção, sinto-me completamente bem apenas ainda um pouco fraca, consequência do meu sofrimento durante cerca de ano e meio, mas cheia de esperança em que a Mãe Santíssima continuará sempre a conceder-me a preciosa graça da saúde.

Descrever a gratidão que sinto para com a Santíssima Virgem, não sei nem me é possível, mas o meu maior desejo é clamar bem alto que devo a minha cura única e exclusivamente a um MILAGRE DE NOSSA SENHORA DE FATIMA.

Todos aqueles que sofrem não desanimem, tenham fé em Deus e com a maior confiança recorram à Santíssima Virgem que não deixa nunca de ouvir aqueles que com muita fé imploram a Sua Divina protecção.

E pois com muita esperança que imploro à Virgem Maria que ilumine todos os corações na luz bem dita da fé, curando todos os que sofrem como curou a sua pequenina e humilde serva.»

### Hemorragias intestinais.

**P.e José de Pinho**, em carta de 18 de outubro, escreve de Infesta:

«...Agora outro assunto: Levei na minha peregrinação uma doente, afectada de uma enfermidade gravíssima, que consta dum atestado passado por um médico, que deixou no Hospital em Fátima. Há dois anos que sofria dores horribéis e tinha frequentes hemorragias, provenientes dos intestinos. Não dormia, não se alimentava quasi nada e não se sustentava em pé. Conheceu bem o seu estado melindroso a Ex.ma Sr.ª D. Maria José Pestana em Fátima. Durante a viagem para Fátima foi um verdadeiro horror, embora a doente procurasse ocultar o seu sofrimento que eu aliviava. Pois bem. No regresso conservou-se no mesmo estado até Leiria, e daí até Coimbra adormeceu, tendo-lhe desaparecido as dores, apesar dos abalos da camionete, devidos ao mau estado do caminho. No dia seguinte almoçou com apetite em Coimbra e até sua casa veio cantando os louvores à Virgem. Recebi hontem um postal seu em que me diz que se sente quasi curada, tendo apenas a perna esquerda um pouco inchada. Ao entrar em casa andou por seu pé, sem o auxílio de pessoa alguma.

O seu nome é: Maria da Adoração, viuva, 36 anos, moradora na rua Areosa, 110, Porto (freguesia de Pedrouços). Caso queira notificar este caso, fica ao critério de V. Ex.cia Rev.ma...»

### Tumor

**Maria Romana**, casada com José Pedro, do sítio da Ribeira Funda, freguesia de São Jorge — Madeira, tinha há 4 anos um tumor num peito, tendo recorri-

do várias vezes ao médico, sendo lancetado três vezes pelo Ex.mo Sr. Dr. Assis do Nascimento sub-delegado de saúde no concelho de Sant'Ana (Madeira) sem que tivesse resultado qualquer melhora para a doente, continuando o mesmo tumor a deitar pús agravando-se o seu estado de dia para dia. Como o seu estado exigia sérios cuidados fez-se transportar do Funchal onde consultou o Ex.mo Sr. Dr. Nuno Porto abalizado clínico naquela cidade, sendo a sua opinião, depois de a ter examinado, que a doente desse entrada no Hospital da mesma cidade, onde devia sujeitar-se a uma melindosa operação, em que na sua opinião, devia ser amputado aquele peito para ficar livre de perigo. O receio, porém, de ficar sem vida nessa operação fez com que desistisse, pois era mãe de 4 filhinhos ainda em tenra idade, o mais velho dos quais apenas com 6 primaveras, alaceando-lhe a alma deixa-los orfãos. Como o seu mal do peito não bastasse para amargar-lhe a vida sobreveio-lhe uma forte pneumonia, em que se viu obrigada a guardar o leito dois meses e meio, chegando a receber os últimos sacramentos, tanto o seu mal se agravou.

Pessoa amiga sabendo do seu estado tão grave, levou-lhe alguma água de Nossa Senhora de Fátima que começou a tomar, seguida de uma novena para obter a sua cura. Passados os primeiros 3 dias, começou a sentir consideráveis melhoras tendo-lhe desaparecido uma picada que tinha no lado direito onde tinha o peito doente. Da mesma água aplicou 3 vezes no peito doente, tendo com sua admiração notado que o tumor havia desaparecido no fim dos três dias sem que jamais voltasse qualquer incomodo, encontrando-se perfeita e sã apesar de já terem decorrido 6 meses sem que tenha sentido nada de anormal no referido peito.

Por isso vem testemunhar o seu involuável agradecimento a Nossa Senhora de Fátima, por tão oportuníssima cura, pois só a Mãe do Céu nos pode valer nestas contingências».

#### Moléstia incurável

**Inocência Antero de Menezes Lius**, Juiz de Direito em Maroim (Sergipe-Brasil) em carta de 7-VIII-1928 informa: Com a família reunida e de joelhos, resámos, no decorrer de 9 noites, 9 terços à Nossa Senhora do Rosário de Fátima, solicitando-lhe a cura do mano Rómulo Luis, que sofria uma moléstia incurável.

Agora, estando êle restabelecido, venho tornar pública a graça alcançada de N.ª S.ª do Rosário de Fátima, ficando assim satisfeito o que prometi fazer.»

#### Uma dôr

**Maria Virginia Nunes Schalwach**, residente em Tete (Moçambique) em carta de 27 de novembro de 1928, diz:

Nesta data remeto a Vossa Reverendíssima a importância de 100\$00, para serem empregados todos, em velas para o altar de Nossa Senhora da Fátima, devido a uma promessa que fiz, e me achar completamente curada, de uma dor, que me acompanhava há 8 meses numa perna, que me impossibilitava de andar e me deixava completamente transtornada.

No dia que fiz a promessa, rezei um terço e no dia imediato fiquei completamente curada.»

#### Um quisto

**Almirinda Hespanha**, da Fréguesia de Avanca, lugar de Ageiros, agradece a cura do quisto que tinha num pulso. Tendo sido já tirado pelo médico duas vezes, e estando outra vez para o tirar, recorreu á proteção de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, e juntamente sua irmã Erminda, que se dignasse ouvir as suas súplicas. E usando água e terra da Fátima, fazendo-lhe o voto com aquela fé que todos as almas católicas temos quando invocamos o nome da Mãe de Deus, de fazer uma novena de comunhões, graças a Deus o meu voto foi ouvido. Estou completamente curada e não tenho nada no pulso. Dentro em breve iremos, se a Virgem Santíssima nos permitir, aos pés dessa Mãe tão carinhosa agradecer-lhe tão grande graça.»

#### Ulceração gástrica

**Olinda Aires Neves**, solteira, de 23 anos de idade, residente nas Ladeiras, muito devota de N.ª Senhora de Fátima, em carta de 18 de Junho de 1929 escreve a seguinte graça que Nossa Senhora lhe fez,

e se achar digna de ser publicada na *Voz de Fátima* como prometi, para honra e glória de Nossa Senhora, peço a publicação. No ano de 1926 para o de 27 encontrava-me muito mal disposta do estomago não sabendo a que atribuir a doença. Afinal fui obrigada a ir ao ex.mo sr. Dr. Aurélio Gonçalves meu médico assistente. Receitou-me alguns remédios sem obter melhoras dos meus padecimentos sendo as dores cada vez mais horríveis. O meu médico, como não obtivesse melhoras dos meus males, mandou-me a um especialista a Coimbra onde fui ao raio X observando-se ter eu uma ulceração gástrica. Ficando só a leite uns quatorze meses nada mais comia nem bebia.

Passados estes meses, como me custasse muito andar só a leite, resolvi recorrer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima mandando vir a água de Fátima, tomando umas gotas com grande devoção. Prometi, se obtivesse melhoras, de fazer publicação no jornalzinho de Nossa Senhora do Rosário e de o assinar um ano como já estou completamente bem, comendo e bebendo de tudo sem que nada me faça mal, graças e muitas graças à Nossa Mãe Santíssima.

#### Doença intestinal

**Noémia Eufémia Rolo**, Rua Monte Olivett 32-3.º — Lisboa em carta de 23 de fevereiro do corrente ano, escreve: «Sofrendo horrivelmente 4 anos duma doença horrível de intestinos torcidos e estomago caído como prova nos atestados que se encontram no poder de V. Ex.cia e estando desenganada por médicos e especialistas de incurável: Venho cheia de fé e reconhecidíssima para com nossa Mãe SS. do Rosário da Fátima declarar a minha cura milagrosa no dia 13 de Maio de 1928.»

#### Graças obtidas por intercessão de Nossa Senhora de Fátima

Em 1926, estava em casa quando me procuraram para me comunicarem que em casa de determinada família tinha havido uma alteração entre marido e mulher, que tinha chegado a ser pública, tendo o marido abandonado a casa e que se queria divorciar.

Tratei de me informar do que havia, chegando à convicção que era difícil conseguir as pazes entre os dois esposos, que mutuamente se haviam insultado.

Pedi a N.ª S.ª do Rosário de Fátima que me iluminasse o espírito sobre o que deveria fazer para conseguir a união dos dois conjuges e que fui feliz nas deligências que fiz e já nesse dia voltaram ao convívio anterior e ainda hoje vivem em paz.

Mais um favor da Mãe do Céu.

Conversava com certa senhora a respeito dos milágrs de N.ª S.ª do Rosário de Fátima e dizia-me ela: «Eu, não acredito nesses milágrs, pois pedi a N.ª Senhora por F... e ela veio a falecer».

Que errado pensar o desta Senhora: «A doente teve uma grande resignação durante a doença, teve uma morte verdadeiramente Cristã».

Que mais se pode ambicionar para uma pessoa amiga, do que a salvação da Alma?

Que tristeza o não pensarmos que não pertencemos a este mundo, que a nossa passagem aqui são apenas dois dias e que a Vida Eterna, nunca acaba!

A Mãe do Céu, ouve muitas vezes os rogos que se lhe fazem e tem mais protecção para os que chama para junto de Deus, do que dando saúde aos que ainda ficam neste vale de lágrimas.

Tinha uma espinha de peixe enterrada na garganta, sendo necessária intervenção médica para a tirar.

Após meia hora de pesquisa a espinha não aparecia; o meu pensar dirigiu-se a N.ª S.ª do Rosário de Fátima e logo o médico conseguiu extrair a espinha, começando a desaparecer a inflamação na garganta.

**Guilherme Plantier Martins**, — Rua Marques da Silva 79 Lisboa (Norte).

—Foi em Novembro de 1925, que se deu o que vou passar a narrar: Estavamos fundeados em S. Tomé, a bordo do vapor «Lourenço Marques» e à hora marcada para a partida faltava um passageiro, que seguia para a Costa Oriental.

O Comandante ainda esperou um pouco, mas como não se visse nenhuma embarcação a vir de terra, resolveu levantar ferro e seguir viagem.

Estava nessa ocasião no meu camarote, sem saber de nada do que se passava, quando fui procurado por alguns passageiros, que conhecendo as relações que tinha com o Comandante, me pediram para conseguir dele o esperar mais pelo passageiro que faltava, que só um mês depois é que teria transporte, para onde se dirigia e para mais, tinha toda a bagagem a bordo, pois vinha conosco já de Lisboa.

Conhecedor da vida de bordo e do transporte que causava a demora do navio, achei o caso complicado, de difícil solução e após umas escusas, disse que iria tratar do que me pediam.

Todos saíram da porta do meu camarote e ao concentrar ideias, vi que era dia 13, dia de Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e logo o meu pensamento se dirigiu à Santa Mãe do Céu e saí, procurei umas senhoras a quem acompanhei à presença do Comandante, que já estava na ponte e que ficou incomodado com a visita, porque lhe era impossível aceder aos rogos que lhe iam fazer, sem prejudicar a C.ª que servia. — Assim pois o navio levantou ferro e começou a viagem, as senhoras viram as suas esperanças perdidas e eu que sempre me conservei calado, só pensava, em N.ª S.ª do Rosário de Fátima e eis que veem dizer que muito ao longe (os navios em S. Tomé fundeam distante da terra) se via uma embarcação!

Da ponte do comando assestaram os binóculos e verificaram que era certo o que diziam e como tal o navio retrocedeu indo receber o passageiro que o único meio de transporte para bordo, que conseguiu, foi um «dongo», pequena embarcação gentilica, feita de um tronco de árvore, que com certa dificuldade (o mar em S. Tomé está no geral agitado) chegou até junto do vapor.

No meu espírito nasceu o dever de publicar esta graça, o que faço cheio de satisfação.

#### Como no dia do seu noivado . . .

*Minha querida Clementina*

A tua carta de confidencias intimas de desabafo chegou-me ás mãos já ha tempo mas quiz-te pagar na mesma moeda.

Fiz o propósito de te fazer esperar tanto tempo quanto eu tive de esperar esta em que tão bem me retratavas a tua linda festa de noivado.

Mas afinal deixei-me vencer. Não me sofria o coração fazer-te pensar assim. Não era justo.

Que, na verdade, eu creio que, apesar de tão mal alinhavadas as minhas cartas te dão sempre um prazer ao menos semelhante ao que eu sinto, ao ler as tuas.

E que as nossas cartas não são como as de tantas raparigas de hoje. Não, nas nossas, ao menos nas que mutuamente nos enviamos pomos toda a alma todo o coração e ao le-las cuidamos ver e ouvir quem no-las manda.

Não é assim?

Ao menos comigo dá-se isto sempre que me é dado ler as tuas.

E deve ser assim mesmo. Porque, ao passo que nós nos apresentamos uma á outra como somos, e sempre nos conhecemos, muitas das nossas contemporâneas esforçam-se por parecer o que na realidade não são.

E as cartas delas saem de tal forma que toda a gente lhes nota o tom postiço em que são escritas.

Pois bem minha querida eu quero antes de mais nada dar-te os meus parabéns muito sinceros.

A tua festa foi realmente encantadora.

Como devias sentir-te feliz á noite ao ofereceres esse fim de dia a Nosso Senhor por veres que nada havia nele que destoasse daquela norma que te tinhas talhado!

Feliz de ti que conseguiste o que tantas nem sequer almejam!

Ao ler a tua carta fui reconstruindo ponto por ponto tudo quanto aí se passou e tão vivas e ao mesmo tempo suaves eram as tintas de que te serviste ao pintares-me tudo isso que quasi senti inveja de ti.

Não que eu tivesse querido roubar-te o teu querido noivo e agora idolatrado marido, não.

Tanto mais que tenho uma noticia a comunicar-te: estou noiva também.

E o esposo que escolhi realiza por completo o meu Ideal.

Duma dedicação infinita por mim entrega-se-me todo, todo sem reservas.

E o mais rico, sábio e delicado que se pode imaginar.

E sobre tudo isto duma bondade sem limites e duma incomparável beleza.

Já vêz que escolhi (desculpa dizer-to) melhor do que tu.

«Devaneios de alma apaixonada» dirás tu ao leres-me.

Não, minha querida, não exagero. Fico até muito aquém da realidade.

E' que resolvi entregar-me toda ao nosso querido Jesus.

Já há muito sentia na alma a sua voz doce e amorosa a chamar-me sem descanço.

Mas o mundo sorria-me...

Procurei abafar-la num momento de loucura e ingratidão.

Hoje porém êsse chamamento é categorico, imperioso. Sinto-me atraída pela graça para a vida do claustro onde a sós com Jesus e com as almas das suas eleitas O louve, sirva e ame por toda a vida.

E lá orarei também por ti.

Não tomes isto porém como despedida.

Espero, aceitando o teu convite, ir aí passar uns dias antes de partir.

E' provável que depois nos não tornemos a ver. Não queria de maneira alguma retirar-me assim sem te dar o último abraço. Nem tu mo levarias a bem. Resentir-se-hia e com razão a nossa tão íntima, fraternal e santa amizade de infância.

A inveja que eu senti foi da magnífica situação da tua casa em plena aldeia.

Nunca a deixes pelo amor de Deus!

A vida da cidade torna-se mais intolerável de dia para dia. E' um inferno sob todos os pontos de vista.

Não serve nem para a alma nem para o corpo.

E' o perfeito contraste desse remanso florido e verde onde descansa e alveja como um ninho o teu lar.

Desejo imenso ir vê-lo e gosar do prazer que deves sentir aí ao habitá-lo.

E' também assim que eu imagino o meu convento e sei que tem algo de verdadeiro o meu imaginar.

Por mim, na contemplação da natureza, do que ela tem de mais belo e mais puro, sinto um profundo prazer espiritual. E tu também porque o que tu me dizes dava a entender que estavas verdadeiramente entusiasmada.

Pois bem Clementina eu faço os mais ardentes votos porque toda a tua vida seja a continuação, a realização dessa beleza, dessa felicidade que uma vez vislumbraste.

E ha-de sê-lo creio-o bem.

Quando se começa com vocês começaram por força se hão-de receber graças abundantíssimas do céu a adoçar até as agruras com que Deus queira mimosear os seus mais queridos.

Não te profetizo tais agruras, não tas desejo é claro, mas é possível que as tenhas de sofrer pela vida além.

Se todos temos que sofrer...

Com uma diferença porém.

E' que os outros, os que não tem fé ou que tendo-a não vivem dela êsses sofrem sem amor, sem resignação, sem esperança, ao passo que aqueles a quem Deus deu o desejo e a alegria de sofrer por Ele sentem a dor a transformar-se em prazer intenso.

Porisso minha querida as primicias da tua vida matrimonial oferecidas a Nosso Senhor tão delicada, tão atenciosamente são o penhor certo e seguro duma infinda felicidade.

Ainda há pouco ouvi um caso que serve bem de argumento.

Era uma família cristã a valer: marido, esposa cinco filhitos e por sinal bem pequeninos que êles eram (porque nas famílias cristãs a valer só Deus marca o número dos filhos).

Duma situação regular tinham-se elevado a notável prosperidade pelo muito trabalho do marido e pelos bons negócios que sucessivamente fôra fazendo.

Mas de repente a adversidade bate-lhes à porta. Um negócio importante immobiliza-lhe grande parte do Capital que, por cilada de inimigos, não pode fazer render.

Ha alguns compromissos que de momento não podem ser cumpridos. Os crédores lacram-lhe os vários estabelecimentos.

A situação agrava-se de dia para dia. Era necessário fazer dinheiro em tudo economisar o mais possível.

Depois as economias são impossíveis pois nem sequer há o indispensável para gastas na alimentação.

Dispensam-se as creadas das quais uma resolve ficar de graça por dedicação aos seus anos — com um gesto de generosi-

dade de que o nosso povo é sempre capaz se lhe tocam no coração.

Chega-se a passar fome. Deante do mundo é uma vergonha — um falido. Deante de muitos — um ambicioso e imprudente. Para todos ou quasi todos objecto de desprezo pois o viam sem dinheiro.

Pois no meio de toda esta miséria confessavam com toda a franqueza na intimidade que se sentiam tão felizes como no dia do seu noivado.

E eram-no na verdade. Por peor que fosse a situação procuravam encobrir mutuamente as penas que lhes iam na alma não tanto por elles mas por aqueles botões zitos a abrir que o Senhor lhes dera a guardar.

Quantas vezes com o coração apertado não apagaram num beijo as lágrimas que lhes bailavam nos olhos.

Lembrou-se Deus deles. E hoje graças a Deus tudo vai de novo bem encaminhado.

Um dia a alguém que lhes perguntava como se podia ser feliz no meio de tanto infortunio respondia um deles.

«E' que nós recebemos a Nosso Senhor todos ou quasi todos os dias. Ah! Se não fosse isso já há muito teríamos baqueado. Temos sofrido tanto!... Mas, dia a dia, ali vamos buscar a força de que carecemos. E assim graças a Deus não tem havido desgostos que nos tire a paz da alma.

Conformamo-nos de bom grado com a Vontade de Nosso Senhor.

E se alguma vez surge inconsciente e involuntário um movimento de revolta logo se paga num acto de entrega absoluta nas mãos da Providência. E Nosso Senhor cuida de nós.»

Assim compreende-se.

Conheci-os há pouco.

Desprende-se do rosto de um e outro um olhar tão meigo, tão amigo que parece que a alma lhes sai pelos olhos.

Respira-se em volta deles o que São Paulo chama o *bom odor de Cristo*.

Soubes depois que o noivado deles fóra muito semelhante ao de vocês.

Porisso eu espero que isso seja apenas o início duma longa vida passada toda no serviço do Divino Mestre.

Desculpa minha querida, a longa e arastada carta que aí te vai: Não é por mal.

Há pequenas notícias de gente conhecida que tu gostarias de saber. Guardo-as para uma próxima carta.

Os meus respeitos a teu marido que eu estimo por ser teu. E para ti nem sei quantos milhares de beijos e saudades sem fim juntas aos votos que eu faço porque vocês sejam sempre tão felizes e ao menos tão cristãos como no dia do seu noivado.

Tua m.to saudosa  
Inês

## VOZ DE FÁTIMA

Transporte...	175.976\$60
Papel, composição e impressão do n.º 85 (100.000 exemplares)...	5.154\$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc...	1.644\$30
	182.774\$90

Subscrição

(Maio de 1928)

Enviaram dez escudos para terem direito a receber o jornal pelo correio durante um ano:

Maria Amélia F. Coelho, Maria Inácia Gaio, Victória da Conceição Avelar, Joaquim da Silva Machado Júnior, Francisca da Silva Machado, P.e Alexandre Tomar Lacureiro, Francisco Augusto Coimbra, Beatriz Pires de Teixeira Rebelo (15\$00), António Martins Almeida 20\$00 P.e Miguel Ribeiro de Miranda 20\$00 Maria Filomena Miranda, Cesarina da Piedade, Augusto Alves, Manuel Jorge Carlos Pinto, Maria da Natividade Cabral, Helena Brandão, Henriqueta Tadeu da Fonseca (20\$00), Herminia Nunes Lacerda, Maria da Assunção Figueiredo (20\$00), Jovita Ferreira Rosário de Sousa Vinagre (30\$00), Alberto de Oliveira Joaquim da Silva Gomes (12\$50), Rosa de Viterbo Lopes Varela, P.e Cesário Pereira da Silva (20\$00), Maria Leonor Tomé, David Paula, Emília de Jesus Oliveira, Januario Miranda, Irene de Almeida Carmo, Miquelina de Assunção Vitorino Fazendeiro, Luis António

Carraca (20\$00), Maria Adelaide Pereira de Vasconcelos, Maria do Carmo Barrata, Maria José Martins, P.e António Rodrigues Xavier (40\$00), Maria Vitória do Souto Correia, Isaura Machado de Azevedo, Manuel Martins Aparício, António Henriques Neves, Maria da Luz dos Reis, Joaquim Lopes Ribeiro, Francisco Torcato Viguidal, Dr. Manuel Assunção, Bernardino Gomes, José Freitas Pinto, Maria José Rebelo Varzea, João Marques de Carvalho, Ana Nobre Costa e Silva, P.e Joaquim Duarte Alexandre, P.e António Carreira Bonifácio, Ana Guedes (12\$00), Francisco de Jesus Pereira, Corina Pinto Abreu (15\$00), Aurora Fialho, Leonídio Ribeiro da Costa Santos (15\$00), Alexandrina Rodrigues Maio, Maria Emília Minhava, José Lopes Ramos, Maria da Piedade Gonsalves Silva Dinis (20\$00), Arnaldo Miller, Laura Gonçalves Silva (20\$00), Maria do Patrocínio Gonçalves Silva (20\$00), José da Cunha Bragança, Virginia Ramires Cardoso Pereira, Maria de Fátima Moreira Campos, Elisa Lopes, Joana de Carvalho Veiga (12\$50), Elisa de Lourdes Mesquita (15\$00), Eduarda Albertina Tavares de Santiago, Maria José de Ascensão Tavares de Almeida, Maria Adriana Santiago Soveral Ribeiro, Delfina Augusta de Pina, Amélia do Céu de Pina Amaral, Clementina da Cunha Esteves, Eduarda Albuquerque de Pina, Gracinda de Sousa, Ana Augusta Correia, Dr. Augusto José da Silva, Maria da Glória Moreira, Maria Moreira Vieira, José Matias de Carvalho, Emília Santana Queiroz, Manuel Gonçalves Alfaiate, António Loureiro, Maria da Conceição Loureiro Bertina Dinis Morão, Maria José Ribeiro e Carmo (15\$00), Ana Dias Cabreira, Máximo Rebelo (20\$00), José António Frade Sousa (20\$00), José Cardoso Júnior, Ana Vileiras, Directora do Asilo de Guimarães (20\$00), P.e António dos Santos Alves (20\$00), Maria dos Anjos Maia João Afonso Barroso, P.e José Baptista Vieira da Cruz, doentes do Sanatório Rodrigues Semide (30\$00), Joaquim José de Almeida Fialho (12\$50), António Ferreira da Silva, P.e José Joaquim Ferreira da Rocha, Agripina Lima, Maria da Assunção Gago da Camara, Maria Lucilia Soares Lopes, Maria do Rosário Fazendas, Lucinda Pereira da Magalhes, Ana Cabeça Dutra, João Lourenço Gomes dos Santos, Julia Amalia de Moura e Costa (20\$00), Inês Guimarães da Fonseca, Jorge Leite Braga Vareta (15\$00), Maria Eugénia Sarmento (15\$00 Na distribuição de jornaes: e donativos varios: Leopoldina Curado, 25\$00; Conego Manuel Joaquim Pintado, de Macau, 45\$00; Maria Costa Carvalho, 50\$00; Virginia Monteiro A. Guimarães, 50\$00; Umbelina Amélia Barbosa, 72\$50; José Rodrigues Costa, 107\$50; Frei Antonio Capuchinho, 40\$00; Josefa de Jesus, 11\$10; Ermelinda Pereira Gonçalves, 30\$00; P.e Manuel Feliciano Dias, 125\$00; P.e Rodrigo Moreira de Magalhães 22\$50.

Na Igreja de S. Tiago de Cezimbra pela Ex.ma Snr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto, no mês de Setembro de 1929 35\$00

Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa pela Ex.ma Snr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, idem, 26\$25 Idem no mês de Outubro ...29\$00

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, pela Ex.ma Snr.ª D. N. R. no mês de Setembro de 1929 ...12\$00

## DE FÁTIMA A ROMA

Esperavam os briosos alunos do Colégio Português que em Roma frequentam a Universidade Gregoriana e que tão ardentemente devotos são de Nossa Senhora de Fátima, que a inauguração da imagem de Nossa Senhora na sua capela coincidissem com a estada ali dos nossos peregrinos.

A isto se refere o primoroso discurso do Snr. P.e Fonseca, director espiritual do colégio. Era nosso desejo da-lo na integra, a que obsta a extensão do discurso e a pequenez do jornal.

Publicaremos no entanto a parte que mais directamente se refere a Nossa Senhora de Fátima.

Tinha-se planeado para estes dias a inauguração da bellissima Capela no andar nobre do Colégio. O altar-mór reservado para a Senhora do Rosário de Fátima estava pronto a recebê-la, e de um dia para outro esperávamos a chegada da imagem que nos prometem primorosíssimamente.

Entretanto ferviam os preparativos da festa. A religiosa havia de juntar-se uma

literária, em que o Colégio, juntamente com o preito filial à Virgem Mãe e ao Padre Santo, rendesse as devidas homenagens aos illustrissimos Prelados que nos honram com a sua presença e aos distintos compatriotas que de tão longe vieram celebrar o jubileu de S. Santidade, trazendo-nos a nós no aspecto franco, no sorriso simpático, na fala conhecida o mais perfumado ramalhete de saudades, com que matar as que por cá se sentem da pátria distante.

Um pedido formulado primeiro pela briosia juventude do Colégio, ao qual o coração me inibia de responder com uma negativa, e depois gentilmente repetido em forma de desejo por pessoa a cujos deijos devo obediência, multava-me em boa parte dos gastos da festa, cabendo-me em sorte, — sorte aliás invejavel — ser paladino da Virgem do Rosário. E eu esperava ansioso que ele chegasse, para ver se à luz do seu olhar e ao calor materno do seu sorriso se inspirava e acendia o meu entusiasmo.

Mas os dias passavam, passavam depois as horas e a Celeste Peregrina... andaria talvez por terras de Espanha, ou pela ribeira de França, ou pelas históricas paragens de Italia?! Mas, Senhora, que achais vós por ahí que vos prenda, se não são terras de Santa Maria? se difficilmente encontrais por lá a fé simples e sincera, a devoção profunda e sentida, o amor encendrado e entusiasta dos vossos portugueses?

Se nos quereria Ele fazer a surpresa de aparecer à última hora?...

Bem vedes, Senhores, não apareceu! O nicho na capela continua deserto e a inauguração não se fez. Quasi diria que a Capela vestiu de luto; luto que pesa um bocadinho também sobre os nossos corações.

E aqui me tendes condenado a falar de um assunto, que, antes de existir, se desvaneceu.

Felizmente que não é a imagem material a que importa; não é a ela que nós homenageamos; não é ela que vos assiste a vós no vosso peregrinar de um mês, a nós na nossa romaria de anos.

Convencido estou de que a Virgem do Rosário, essa não nos falta: aqui está, aqui nos assiste, aqui nos fita, aqui nos sorri paraísos, aqui nos envolve em eflúvios de amor o seu coração maternal!... Eu vejo-a com os olhos da fé; e vós, se a tendes mais viva, se tendes a alma mais inocente, mais infantil, mais digna de ser recompensada com graças privilegiadas, abri os olhos, applicai os ouvidos, alerta o coração!...

Quem sabe se a sentireis na realidade, como os inocentes pastorinhos da Fátima?!

Terra de Santa Maria! abençoada terra portuguesa!

Abençoada pela mão do Criador que a colocou ali «onde a terra se acaba e o mar começa» como corôa de safira e esmeraldas na cabeça da Europa. No seu céu de um anil sem par acendeu as estrelas mais brilhantes; da sua gleba fez um jardim perfumado, onde floresce eterna e canta a primavera.

Colocou-a ali como caravela ancorada ás portas do mar oceano, — berço pequenino de um grande povo, para cujo arrojado aventureiro os mares seriam pequeno teatro, e as balizas do mundo acanhada meta, pois que «se mais mundo houvera lá chegar».

Terra de S. Maria! abençoada terra portuguesa!

Abençoada na alma boa, sóbria e generosa, arrojada e prudente, alegre e sonhadora dos filhos que Deus lhe deu; capazes, como os melhores, de se assinalarem em todos os campos da humana actividade: tão destros em manejar a espada como a lira, na sciência de bem dizer como na de bem fazer, nas artes como nas letras, em sondar e explorar mares, ilhas, continentes, como em devassar as mais árduas regiões do espirito.

Terra de Santa Maria! abençoada terra portuguesa!

Abençoada sobretudo porque o Salvador ao nascer lhe deu as suas chagas por brasão a crismou seu Apóstolo, a consagrou jardim feudo, solar, terra de S. Maria! E Maria com carinhos de mãe, com desvelos de padroeira, com generosidade de rainha ao pequenino Portugal embalou-lhe o berço, amparou-lhe os primeiros passos — bem difíceis e contrastados, com que tomou posse da terra sua, — conduziu-o depois pela mão nas arrojadas empresas de dilatar a fé e o império através do mar tenebroso, desde as balizas do mundo conhecido aos últimos confins do desconhecido.

Que palmo de terra há no continente e ilhas, que não esteja assinalado por algum benefício da Mãe de Deus? E em correspondência, que monte onde não alveje um Santuario de Maria, meta de ferrosas romagens? Que cidade, vila ou aldeia onde as melhores igrejas não sejam em Sua honra? Talvez todas as igrejas na terra, talvez todos os altares na igreja, talvez todas as imagens no altar são de Maria; em cada palácio um oratório, em cada casa um altarsinho, até em cada choça ao menos um registozinho de papel, pegado com miolo de pão na porta desengonçada.

De facto Portugal era isto: cada palmo de terra uma memória, cada coração uma alampada a arder em honra de Maria!

Terra de S. Maria! abençoada terra portuguesa!

Não admira se naquele jardim cuidado por mãos tão mimosas de tal Mãe, se arreigou profunda a fé, floreceu a Religião e piedade, o amor ao Senhor dos Passos e a Jesus Sacramentado e ao Coração de Jesus, a devoção inquebrantável ao Vigário de Jesus Cristo, o amor à S. Igreja tão filial, que até os dias todos da vida quiz receber da sua mão santificados: baste a prová-lo a denominação dos dias da semana, que enquanto nas outras nações tem resabos do paganismo antigo, só em Portugal é puramente cristã e eclesiástica. Não admira que lá desde o principio vicejasse se expandisse incoercível o zelo apostólico; zelo talvez rude e manifestado em poderosas cutiladas aos agarenos ou em feras lançadas aos turcos na India, mas sempre ardente e generoso, que durante dois séculos inundou de missionários a Africa, a Asia, a Oceania e grande parte da América, bem mais de meio mundo: fazendo em poucos lustros tais prodígios de evangelização, que não creio tenham sido equalados por nação nenhuma em muitos séculos.

Mas era tão pujante de seiva o amor da fé na terra de S. Maria, que precisava de estender ao longe a copa dos seus ramos: ansioso de abrigar sob elles, se possível fóra, a todo o mundo. Brotava tão copiosa a fonte da cristandade no coração português, que não bastava a pequenina taça lusitana para conter as suas águas: transbordava em catadupas, corria ao longe em rios caudalosos a regar e fecundar mais de meio mundo. Ardia tão poderosa a chama da caridade, que bastava a alumiar e aquecer a quantos num e no outro emisfério estavam ainda sentados nas trevas do gentilismo e nos gelos da morte.

Terra de S. Maria! abençoada terra portuguesa!

Oh! porque mudaram os tempos? porque passou a primavera que devia ser perpétua, porque veio o inverno carrancudo e gelado, nortou o vento da indiferença e crestou todo aquele viço! Ventou o suão da impiedade e ia secando toda aquela seiva!

No jardim desfolharam-se as flores, definharam as plantas, caíram pécas os frutos; e a terra de S. Maria ameaçava tornar-se um pragal maninho onde pululasse todo o mal, uma charneca árida e reseca para o bem.

Felizmente que Maria velava do céu sobre o seu paraíso, sobre a terra sua!

E Ela desceu do céu a horas de meio dia, como se o repicar das Avé Marias fosse toque a rebatê que a chamasse; desceu sobre a azinheira, enfezada, na charneca maninha. A charneca era realmente o símbolo da terra ressequida; a azinheira imagem da árvore frondosa, que, por falta de chuva do céu, por efeito da secura da terra se ia dia a dia cada vez mais definhando.

A divina jardineira desceu; e ao encanto da sua voz, ao império de seu olhar, ao contacto milagroso da sua mão, na charneca árida brotou uma fonte de fé e de milágres da alma, — onde Portugal, (pródigo que volta à casa materna!) vem lavar os andrajos, curar as chagas, beber a fé antiga, e com ela rejuvenescer as forças, retemperar a saúde, recuperar todas as virtudes dos avós.

Mas a Virgem do Rosário, não contente com que os filhos venham a ela, vai ela a buscá-los de monte em monte, de vale em vale, em romaria apostólica a todas as terras, a todos os casais, a cada família. Quem há hoje por lá que não conheça, que não tenha visto, que não tenha falado na oração simples e confiante com a Senhora do Rosário de Fátima? e que da conversação não tenha saído ou prometido sair melhor? A Virgem do Rosário é hoje a grande Missionária de Portugal. Graças a ela a terra de S. Maria será sempre abençoada terra portuguesa.